

Você tem até o dia primeiro para recolher a

**TRU**  
no  
**Bunorte**



**COISAS TÃO SIMPLES  
COMO PASTAS E  
BRINDES PRECISAM  
TER GRANDEZA**

**IOBIN**

UMA ESTRATÉGIA DE MARKETING

SOLICITO CATÁLOGO GERAL  
DOS PRODUTOS IOBIN

OME: \_\_\_\_\_

MPRESA: \_\_\_\_\_

NDEREÇO: \_\_\_\_\_

EL.: \_\_\_\_\_ CEP.: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_ EST.: \_\_\_\_\_

**IOBIN**

IOB - INDUSTRIAL E COMERCIAL LTDA.

Proerp

04004 - Av. Bernardino de Campos, 352 - Paraíso  
Tels.: (011) 285-4111 • 263-9456 • 263-0102  
C. Postal 45.323 - São Paulo - SP

SEQÜESTRO

## Mistificação

*O relator da CPI não viu crime algum*

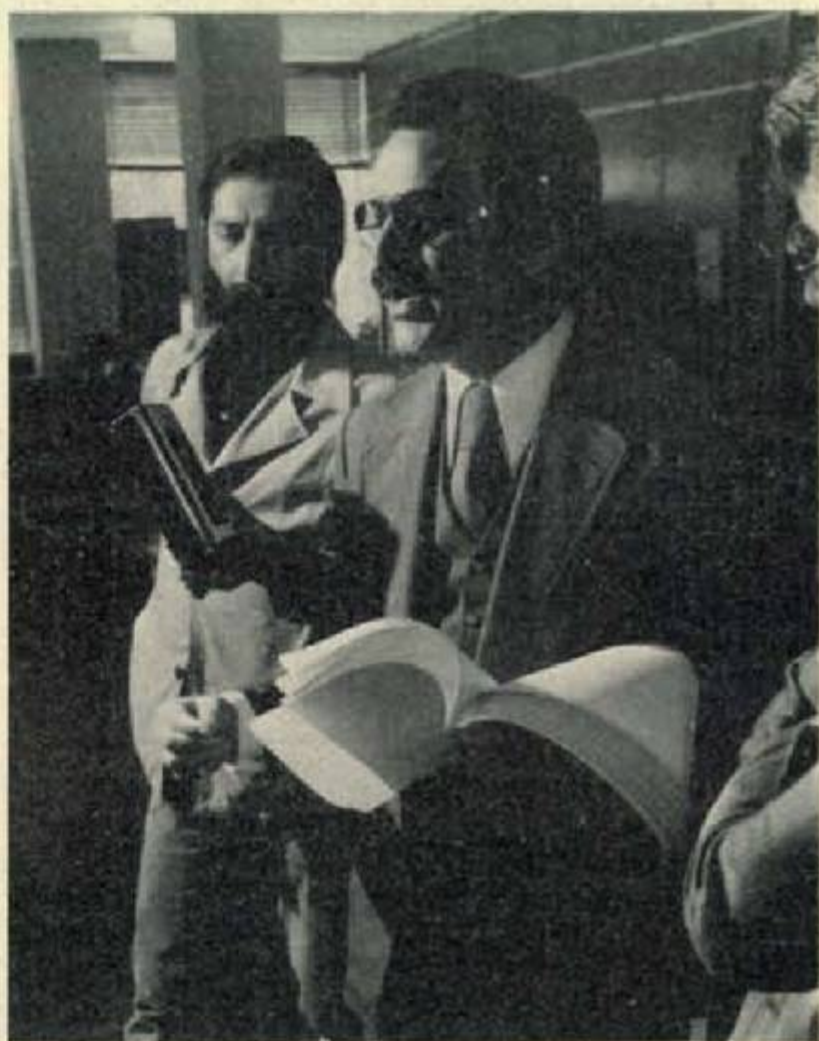
**N**ão houve seqüestro, logo não há culpados. Esta, em síntese, é a conclusão a que chegou o deputado Jarbas Lima, da Arena gaúcha, como relator da Comissão Parlamentar de Inquérito que durante três meses investigou o desaparecimento, no dia 17 de novembro passado, em Porto Alegre, de quatro exilados uruguaios — Lilian Celiberti, seus filhos Camilo e Francesca, e Universindo Rodríguez Díaz. Mais que isso, ao longo das 96 páginas do relatório entregue terça-feira última aos membros da CPI, Lima por diversas vezes atropela sua função para destilar acusações contra os jornalistas Luís Cláudio Cunha, de VEJA, e J.B. Scalco, da revista *Placar*, que testemunharam parte do seqüestro ocorrido no apartamento dos exilados.

Num texto apaixonado, cuja preocupação é desde logo inocentar a polícia gaúcha, o relator acusa os jornalistas de manterem “relações políticas” com os uruguaios e servirem de “segurança” no Brasil. Ignorando a descrição do chefe da operação de seqüestro feita pelos jornalistas, e o reconhecimento de Orandir Portassi Lucas, o “Didi Pedalada”, como um dos criminosos, Jarbas Lima garante que Cunha e Scalco não poderiam identificar ninguém porque simplesmente não tinham visto nada. Quanto a Lilian e Universindo, o relator preocupa-se mais em fazer um julgamento moral e político de suas condutas e não em dar resposta ao que a CPI se propôs: apurar se houve a participação de policiais gaúchos no seqüestro.

**SEM ILUSÕES** — Farto em comentários subjetivos sobre os depoimentos prestados à CPI, Lima desconhece o que foi considerado a prova mais cabal da existência de um crime no apartamento onde moravam os exilados: as cartas de próprio punho escritas por Lilian na prisão e passadas a seus pais em Montevideu e à irmã, em Milão, na Itália. Ali, a prisioneira relata, com alguma riqueza de detalhes, como foi seqües-

trada e as ameaças que sofreu por parte dos policiais que a levaram até a fronteira com o Uruguai.

“Nós não tínhamos nenhuma ilusão quanto ao relatório”, desabafou na semana passada o presidente da CPI, deputado Nivaldo Soares, do MDB, ao encerrar uma conversa com os membros da Comissão, durante a qual ficou praticamente acertada a rejeição do parecer de Jarbas Lima e a indicação de um novo relator. “O grande mérito da CPI”, disse seu presidente, “foi justamente o de comprovar a remoção dos uruguaios.” Não havia ilusão porque o relatório já estava sob suspeita antes mesmo de ser elaborado.



Lima: ignorou as cartas de Lilian

Além de Jarbas Lima, funcionava como auxiliar em sua execução, contratado por 40 000 cruzeiros pela Assembleia Legislativa, o advogado Manoel Braga Gastal, presidente interino da Arena.

Implacável adversário da própria CPI, Gastal associa-se a Lima na opinião de que não houve seqüestro — o que mereceu arguta observação do humorista Luiz Fernando Veríssimo. “O parecer do relator da CPI”, escreveu ele em sua coluna no jornal *Zero Hora*, “lembra aquela cena de Shakespeare em que Ricardo III faz a corte à viúva do homem que acaba de assassinar. Diante do escândalo da viúva, ele diz que não matou seu marido. Ao que a viúva responde:

“ — Então ele está vivo.”